



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E SAÚDE.
DEPARTAMENTO DE FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM FÍSICA**

DANIESE LUCAS DE PONTES

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA X ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DAS
VIVÊNCIAS E PENSAMENTOS DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL II**

**ARARUNA-PB
2025**

DANIESE LUCAS DE PONTES

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA X ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DAS
VIVÊNCIAS E PENSAMENTOS DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL II**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de licenciatura em Física da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em Física.

Orientador: Prof. Mr Thiago Santos

**ARARUNA – PB
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P814e Pontes, Daniese Lucas de.

Educação inclusiva x ensino de Ciências [manuscrito] : um estudo das vivências e pensamentos dos professores de Ciências do ensino fundamental II. / Daniese Lucas de Pontes. - 2025.

32 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências, Tecnologia e Saúde, 2025.

"Orientação : Prof. Grad. Thiago da Silva Santos, Coordenação do Curso de Licenciatura em Física - CCTS".

1. Educacao inclusiva. 2. Ensino de Ciências. 3. Formação docente. 4. Ensino fundamental II. I. Título

21. ed. CDD 371.9

DANIESE LUCAS DE PONTES

EDUCAÇÃO INCLUSIVA X ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DAS
VIVÊNCIAS E PENSAMENTOS DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO
ENSINO FUNDAMENTAL II.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de Física da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em
Física

Aprovada em: 05/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Alessandra Gomes Brandão** (***.766.664-**), em **22/07/2025 20:04:55** com chave **48705840675011f09cf92618257239a1**.
- **Thiago da Silva Santos** (***.364.104-**), em **22/07/2025 19:42:34** com chave **28f03b5a674d11f0afad2618257239a1**.
- **Jocimar Henriques de Oliveira** (***.803.194-**), em **22/07/2025 20:23:49** com chave **ec30828c675211f09dcf06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 29/07/2025

Código de Autenticação: f799ee



Dedico este trabalho à minha família, base de tudo que sou. A todos que acreditaram em mim, mesmo quando eu duvidei. Este trabalho é a prova de que com esforço, tudo é possível.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	9
2.1 Educação inclusiva.....	9
2.2 Breve histórico da educação especial	12
2.1. Educação inclusiva x educação especial	13
2.2. A atuação do professor na educação inclusiva	14
3. METODOLOGIA.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	16
4.1 Movimentos em direção à educação inclusiva: um breve levantamento bibliográfico.....	17
4.2 Concepções prévias dos professores a respeito da educação inclusiva	19
4.3 Formação dos professores a respeito da temática.....	22
4.4 Vivências na educação inclusiva	23
5 CONCLUSÃO	27
6 REFERÊNCIAS.....	28
APÊNDICE 1- QUESTIONARIO INVESTIGATIVO	30

EDUCAÇÃO INCLUSIVA X ENSINO DE CIÊNCIAS: UM ESTUDO DAS VIVÊNCIAS E PENSAMENTOS DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Daniese (Lucas de Pontes)*

RESUMO

Este trabalho investiga a percepção e as vivências de professores de Ciências do Ensino Fundamental II em relação à educação inclusiva, com foco em uma escola pública do município de Araruna-PB. A pesquisa busca compreender como esses docentes enfrentam os desafios da inclusão de alunos com deficiência ou necessidades educacionais especiais em sua prática pedagógica cotidiana. Para isso, foram utilizados métodos qualitativos e exploratórios, incluindo levantamento bibliográfico, aplicação de questionários e análise de dados coletados junto aos professores. Os resultados apontam que, apesar de avanços legais e discursivos, a prática inclusiva ainda é fragilizada pela falta de formação adequada, recursos pedagógicos limitados e ausência de suporte institucional. Verificou-se que muitos docentes demonstram boa vontade e sensibilidade para a temática, mas sentem-se despreparados para lidar com a diversidade em sala de aula. A pesquisa conclui que é urgente a implementação de formações continuadas, políticas públicas efetivas e infraestrutura escolar adequada para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: educação inclusiva; ensino de ciências; necessidades educacionais especiais; formação docente; ensino fundamental II.

ABSTRACT

This study investigates the perceptions and experiences of science teachers in lower secondary education (Ensino Fundamental II) regarding inclusive education, focusing on a public school in the municipality of Araruna, Paraíba, Brazil. The research aims to understand how these teachers face the challenges of including students with disabilities or special educational needs in their daily teaching practice. To this end, qualitative and exploratory methods were employed, including a literature review, the application of questionnaires, and data analysis based on teachers' responses. The results indicate that, despite legal and discursive advances, inclusive practices remain weakened by a lack of adequate teacher training, limited pedagogical resources, and insufficient institutional support. It was found that many teachers show goodwill and sensitivity toward the topic but feel unprepared to deal with classroom diversity. The study concludes that there is an urgent need to implement continuous training programs, effective public policies, and adequate school infrastructure to ensure truly inclusive and equitable education.

Keywords: inclusive education; science teaching; special educational needs; teacher training; lower secondary education

* Licenciatura em Física, Centro de Ciências Tecnologias e Saúde, Universidade Estadual da Paraíba.

1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva tem sido discutida como tema central em debates de cunho social e educacional. Movimentos mundiais como a Declaração de Salamanca (1994), Convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (2006) e outros, evidenciam a importância de questões políticas e educacionais em prol da inclusão também nos espaços educacionais.

No passado, durante séculos os indivíduos considerados “deficientes”, sejam eles mentais, físicos e/ou intelectuais foram desolados/excluídos da sociedade (através de atos segregadores) e até mesmo mortos, dentro da sociedade em que viviam, onde essas atitudes eram vivenciadas como normais. Segundo Pessotti (1984, p.53-54 apud GOMES, B.) durante a antiguidade, as crianças deficientes eram abandonadas e a imolação (sacrifício) era o destino das pessoas com deficiência mental.

De maneira gradativa, tanto a sociedade quanto questões adjacentes como a educação passaram por modificações que alavancaram as discussões sobre a importância da inclusão em diferentes contextos. Neste sentido, a realidade vem se modificando com o objetivo de integrar plenamente as pessoas com deficiência à sociedade, assegurando seus direitos e a sua participação em condições de igualdade. Com esses avanços legais, sociais e pedagógicos impulsionaram a construção de uma educação mais inclusiva. Entre eles, destacam-se a Constituição Federal de 1988, que garante o direito à educação para todos; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que prevê o atendimento educacional especializado; e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que assegura a inclusão escolar em todos os níveis de ensino. Além disso, a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006) pelo Brasil, com status de emenda constitucional, reforçou o compromisso do país com a educação inclusiva.

As políticas públicas voltadas à educação inclusiva passaram a atuar como instrumentos estratégicos para a reestruturação das escolas, com vistas à criação de ambientes educacionais acessíveis, equitativos e acolhedores. E auxiliar os professores e demais profissionais da área de educação a trabalharem de uma forma que englobe uma diversidade em sala de aula e em todos os espaços educativos (Pedagógicos) visando não apenas o acesso, mas a permanência de todos, incluindo as pessoas com deficiências de fato aos espaços e processos educativos.

No contexto brasileiro, embora haja avanços legislativos como o art. 208 da Constituição Federal de 1988 que inaugura esse movimento ao reconhecer a educação como um direito social universal; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394/1996, Art. 58 a 60: define que alunos com deficiência devem ser atendidos em classes comuns do ensino regular, com suporte necessário; Política Nacional de Educação Especial; Decreto nº 7611/2011; A BNCC de 2017\2018, que defende princípios de equidade e inclusão, e orienta que as escolas desenvolvam um currículo que respeite as diferenças e promova o aprendizado de todos, e outros movimentos dos quais possamos ter nos esquecido, a prática inclusiva ainda enfrenta diversos desafios, sobretudo no ensino de ciências, química, física, biologia e matemática que corresponde a áreas de conhecimento que tem sua trajetória no ensino historicamente estudadas e debatidas no âmbito nacional e internacional. Os estudos dessas áreas no campo do ensino apontam para uma efetiva necessidade de reflexões metodológicas, adaptações didáticas e de recursos independentemente sem considerar as necessidades educacionais especiais de determinados grupos.

Já no que diz respeito a consolidação e convergência destas reflexões em sala de aula, um caminho ainda tortuoso é justamente o protagonizado nas formações inicial e

continuada dos professores. Os documentos oficiais trazem em sua composição uma base para uma educação inclusiva cujos frutos ainda não vemos na realidade propriamente dita. Considerando que em alguns casos os professores não possuem condições formativas adequadas no âmbito da formação inicial, como podemos comprovar no desenvolver da pesquisa, nem estímulos por parte dos órgãos de governo para buscarem especializações que tragam pautas de inclusão. Muitos profissionais acabam não compreendendo como realizá-la em sala de aula, tendo em vista que as formações iniciais não trazem essas discussões (apenas rasamente com a disciplina de LIBRAS, como é o caso do curso de Licenciatura em Física da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VIII) e não conseguem avançar através de formação continuada por falta de incentivo.

Diante deste caminho, a educação inclusiva, embora inegavelmente tenha avançado significativamente, em especial nas últimas décadas, ainda tem um longo caminho a percorrer. Este trabalho tem como elemento central uma busca por compreender a inclusão no ensino de ciências, com ênfase na relação entre professor e aluno no contexto do Ensino Fundamental II, especificamente em uma escola pública localizada no município de Araruna-PB. A proposta da pesquisa é compreender como os docentes da área de Ciências lidam, em sua prática pedagógica cotidiana, com a presença de estudantes que apresentam algum tipo de deficiência ou necessidade educacional especial.

A partir dessa abordagem, buscamos analisar não apenas o conhecimento teórico esboçado pelos professores sobre educação inclusiva, como também suas experiências práticas, estratégias utilizadas, percepções sobre os desafios enfrentados e os recursos disponíveis (ou a ausência deles) no ambiente escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação inclusiva

A educação inclusiva de forma geral é um modelo de educação que visa garantir a participação e a aprendizagem de todos os alunos, independentemente das suas diferenças ou necessidades. Baseia-se no princípio de que todas as pessoas têm o direito fundamental à educação e devem ser incluídas num ambiente educativo diversificado. Coelho (2024.p.3830), afirmar que:

A necessidade de desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes da educação inclusiva parece ser ainda mais relevante e emergente para possibilitar o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias para lidar com os desafios e demandas impostas por essa sociedade contemporânea. Coelho (2024.p.3830)

Considerando em um contexto generalizado o termo inclusão é bem mais amplo do que podemos expressar, a inclusão não refere-se apenas às crianças com deficiência e sim, a todas as crianças, jovens e adultos que possam enfrentar problemas de exclusão educacional, qualquer forma de exclusão na educação, seja na escola, nas atividades realizadas, e projetos que ocorrem fora das instituições de ensino, onde não são encontradas as mesmas oportunidades para todos os alunos.

Há um consenso que inclusão implica em celebrar a diversidade humana e as diferenças individuais como recursos existentes nas escolas e que devem servir ao currículo escolar para contribuir na formação da cidadania. Diversidade e diferenças constituem uma riqueza de recursos para a aprendizagem na sala de aula, na escola e na vida. Ferreira (2005, p.43)

Embora o termo “toda” seja de uma forma geral a população, na reflexão deste trabalho temos a mesma voltada para o âmbito de educação especial, ao qual ele possui suas peculiaridades. Como afirma Mittler (2003, p. 27), “a inclusão não é apenas sobre colocar os alunos com deficiência nas escolas regulares, mas sobre criar um ambiente no qual cada estudante se sinta aceito e respeitado em sua totalidade”. Isso implica uma mudança nas práticas pedagógicas e na forma como as escolas estão estruturadas. De acordo com Santos (2019, p.45), “a inclusão na educação consiste em proporcionar condições de igualdade para o desenvolvimento integral de todos os estudantes, sem distinção de suas especificidades”. Assim, a escola passa a ter um papel fundamental no processo de socialização e no desenvolvimento de competências e habilidades, tanto acadêmicas quanto sociais, que respeitem a diversidade e promovam a inclusão.

A relevância da educação inclusiva é evidente no crescimento social e emocional dos estudantes, não somente dos portadores de deficiência. Segundo Neto (2018 p.87), A escola é um ambiente multicultural, diversificado, que atende um público com objetivos, ideologias e necessidades diferenciadas. Enfim, essa é uma característica própria, que acolhe indivíduos com aspectos múltiplos, sejam religiosos, políticos, sociais, entre muitos outros “a convivência com a diversidade dentro do ambiente escolar proporciona a todos os estudantes a oportunidade de desenvolver valores como empatia, respeito e solidariedade”. Além disso, a educação inclusiva desempenha um papel essencial na redução da exclusão social. De acordo com Mantoan (2011, p. 34), “a exclusão escolar tende a perpetuar a exclusão social, uma vez que a escola é o primeiro espaço de convivência pública em que os indivíduos são inseridos”.

Como assegurador dos direitos vigentes temos a Base Nacional Comum Curricular, a qual é um documento desenvolvido ao longo dos últimos anos com o objetivo de nortear o ensino nas diversas regiões do país. Sobre este muito tem se discutido, especificamente a necessidade de mudanças no currículo escolar a fim de minimizar os diversos problemas de aprendizagens vivenciados pela rede pública de ensino. Coelho (2019. P. 166),

“No Brasil, o fracasso escolar é um sinal parte do sistema escolar e o processo seletivo mudou de “fantasia”, mas continua a afetar os alunos das classes menos populares porque, uma taxa alta se a seletividade anterior fosse devida à inacessibilidade, atualmente isso ocorre por baixo aprendizado, onde o processo ocorre, mas não tem proveito em níveis de aprendizagem.” Coelho (2019. P. 166)

Breitenbach pontua que,

Nas políticas públicas educacionais e na literatura sobre a temática da inclusão na educação, encontram-se diferentes expressões e definições, diferentes beneficiários e também muitas contradições. A polissemia relacionada à educação inclusiva justifica-se, de certa forma, pelo seu caráter de inacabamento. Breitenbach (2016. P.361)

A Declaração de Salamanca (1994) reconhece a educação inclusiva como uma possibilidade para a educação inclusiva “Fortalecendo” o conceito de “educação para todos”, parece que antes disso, os alunos com deficiência e/ou têm outras necessidades educativas especiais e não frequentavam a escola.

As adaptações de acesso ao currículo correspondem a um conjunto de modificações nos elementos físicos, materiais ou de comunicação que venham a facilitar o envolvimento dos alunos com necessidades especiais educacionais no desenvolvimento do currículo escolar. O documento apresenta ainda, uma série de sugestões e medidas para adaptação de acesso ao currículo, como por exemplo, no que diz respeito a instrumentos de avaliação, introdução de objetivos complementares ou alternativos e as alterações nos procedimentos

didáticos geralmente utilizados pelos professores, bem como, à organização diferenciada da sala de aula para atender às necessidades específicas do aluno com deficiência. Coelho (2019. P.164)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que abrange tanto redes públicas como privadas, com o objetivo de reger o ensino regular por completo, onde traz em sua base as necessidades a serem supridas pela educação em cada etapa do ensino. Mercado, (2017, p. 06) afirma que:

A Educação Especial, como modalidade de educação básica, compartilha os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos das diferentes etapas, níveis e modalidades de ensino. O desafio está na prática da flexibilização curricular, na adequação de objetivos propostos, na adoção de metodologias alternativas de ensino, no uso de recursos e materiais específicos, no redimensionamento do tempo e espaço escolar, entre outros. Aspectos necessários para que estudantes com deficiências exerçam o direito de aprender em igualdade de oportunidades e condições. Mercado (2017, p. 06)

Ao analisarmos sob uma perspectiva inclusiva, torna-se evidente a necessidade de reconhecer a diversidade presente na educação brasileira. Isso exige uma abordagem que valorize e reforce a importância da educação inclusiva como elemento fundamental para garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem de todos os estudantes. Na própria BNCC, considerando as suas diferentes versões, é possível perceber que o tópico traz em contexto da educação especial, de um modo inclusivo, e não sofreu grandes alterações.

A Educação Especial na perspectiva inclusiva contempla a identificação e a eliminação das barreiras, principalmente as de acesso aos conhecimentos, deslocando o foco da condição de deficiência de estudantes para a organização e a promoção da acessibilidade aos ambientes escolares (arquitetônica) e à comunicação (oral, escrita, sinalizada, digital), em todos os níveis, etapas e modalidades, visando a autonomia e a independência dos educandos. A educação especial integra a educação regular, devendo ser prevista no Projeto Político Pedagógico para a garantia da oferta do AEE aos educandos com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento, com altas habilidades/superdotação. (Mec, apud mercado & Fumes 2017, p.08)

Ao assegurar que todos os alunos, sem distinção de condições, tenham acesso à mesma escola e possam participar das mesmas atividades, a educação inclusiva auxilia na construção de cidadãos mais aptos para conviver em uma sociedade diversificada.

Contudo, para que a educação inclusiva seja eficaz, é imprescindível um esforço coletivo de toda a comunidade educacional, desde a administração até os professores. Isso implica que a inclusão não se limita à vontade política ou às orientações institucionais, mas também a práticas de ensino que estejam em conformidade com os princípios de igualdade e respeito às diferenças. Como aponta Silva (2023, p.03),

no contexto educacional inclusivo, o papel do professor é fundamental. Os docentes não apenas facilitam o processo de ensino-aprendizagem, mas também atuam como agentes de inclusão, criando um ambiente acolhedor e adaptando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais dos alunos. Silva (2023, p.03)

Em última análise, é crucial enfatizar que a educação inclusiva vai além da simples inclusão de estudantes com deficiência no sistema de ensino convencional, implicando uma transformação de mentalidade em toda a comunidade. Como destaca Sanches (2006, p. 69), " muitos pensam que a inclusão escolar é para os jovens em situação de deficiência, mas não, ela deve contemplar todas as crianças e jovens com necessidades educativas.

2.2 Breve histórico da educação especial

A história da educação para pessoas com deficiência nos mostra de forma geral um grande quadro de exclusão, onde as pessoas eram afastados, não tinham o convívio social, em períodos diversificados foram separados em classes especiais, escolas de acordo com as suas deficiências e características, aos quais seriam aceitos no meio social após essa normalização, sendo um tema que ganhou destaque nas últimas décadas, refletindo uma mudança significativa nas abordagens educacionais em relação à diversidade. Ao longo da história, a escola reproduziu lógicas seletivas que limitaram o acesso e a permanência de grupos socialmente vulnerabilizados, onde crianças com deficiência ou necessidades especiais eram marginalizadas e privadas do acesso ao ensino regular como afirma Pacheco (2007, p.243)

Desde a era cristã são encontrados relatos de negligência para os indivíduos com deficiência e/ou transtornos, havia casos de abandonos e mortes. De acordo com Araújo (2010 apud Nunes 2015. P. 1908), “Na antiguidade, assim como através dos séculos da era cristã as pessoas com deficiência foram objeto de eliminação direta ou indireta, ora em função de sua “inutilidade funcional”, ora porque eram consideradas manifestação do demônio ou de castigo divino”. Segundo Galdino (2022. P.14) “A segregação escolar foi um conceito usado para escolarizar pessoas com deficiência em locais distintos, com o intuito de não “atrapalhar” o ensino de pessoas “normais”.”

Em outro momento por volta do século XIX, se deu início a um novo modo de ver os indivíduos considerados incapazes eram escondidos e protegidos, em casas de caridade, abrigos ou igrejas. Através do desenvolvimento da educação, de estudos psicológicos, médicos e a preocupação da inclusão deles, foram criadas as primeiras classes especiais com o objetivo de educar. Neto (2006) declara que essa fase ficou conhecida como fase da exclusão, ou seja, qualquer pessoa que não estivesse no padrão de comportamento e desenvolvimento instituído pela sociedade era totalmente excluída.

Com o fim das duas guerras mundiais, houve a preocupação de reintegrar na sociedade aqueles que conseguiram sobreviver a esses grandes conflitos, com isso, se deu uma aproximação maior da inclusão em sala de aula, a necessidade de escolas que incluíssem as pessoas ‘ditas’ como normais junto com os considerados deficientes.

Na década de 1990, surgiram importantes marcos legais que promoveram a inclusão educacional em diversas partes do mundo. A Declaração de Salamanca, de 1994, é um exemplo fundamental, pois propôs que as escolas regulares acolhessem todos os alunos, respeitando suas características individuais. Segundo a declaração, “as escolas devem ser abertas a todos os alunos, respeitando suas diferenças e promovendo a equidade” (Unesco, 1994).

No Brasil, a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 foram cruciais para garantir o direito à educação inclusiva. A LDB estabelece que “o ensino será ministrado com base na concepção de que a educação é um direito de todos, assegurando a inclusão de alunos com deficiência” (Brasil, 1996). A partir de então, iniciativas começaram a surgir em diversas escolas, promovendo práticas pedagógicas inclusivas.

Em suma, a educação inclusiva tem avançado consideravelmente ao longo da história, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Contudo, o caminho para a inclusão plena ainda requer esforços colaborativos de todas as partes, pois é um contexto que envolve essa temática tem uma longa trajetória histórica que foi construída por todos ao longo dos anos, num grande processo marcado pela segregação, discriminação e até morte. Embora tenha havido progressos significativos, ainda existem desafios a serem enfrentados. A formação de professores e a adequação das escolas para atender às necessidades são aspectos que precisam de atenção contínua. Mantoan (2006) ressalta que a formação de educadores deve incluir a sensibilização e a capacitação para lidar com a diversidade, tornando-os agentes de mudança.

2.1. Educação inclusiva x educação especial

Após um contexto histórico sabemos que a educação especial nasceu muito antes de termos uma educação básica para todos, em contexto da evolução que tivemos sobre a educação nos últimos anos, Neto (2018, p.83), descreve inclusão como algo desafiador:

Falar em inclusão é sempre desafiador, pois, para muitos, ainda é um campo desconhecido, mas para compreender melhor o discurso atual da inclusão e seus aspectos, que causam por vezes angústias e algumas polêmicas, é preciso voltar ao tempo para compreender o processo histórico da Pessoa com Deficiência, perpassar pela educação especial até chegar ao movimento da Educação Inclusiva. Neto (2018, p.83)

As realidades da inclusão de alunos com deficiência precisam ser discutidas e buscadas melhorias para garantir que o processo de ensino e aprendizagem seja condizente com a singularidade de cada indivíduo. A educação inclusiva e a educação especial, embora estejam ambos os presentes no cenário educacional há alguns anos, não são sinônimos, apesar de frequentemente serem confundidas. A educação inclusiva veio como ponte entre a educação básica que conhecemos e a educação especial, onde tem como objetivo integrar em um único grupo esses dois termos.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (Brasil, 2008, p. 1 apud Camargo, 2017 p.02)

Com um olhar mais amplo do que seria a inclusão podemos fugir completamente do paradigma de somente ter o aluno matriculado em sala de aula, onde o mesmo não se desenvolve com os demais. com os demais, e está ali apenas para ocupar mais uma carteira. Santos e Fonseca são pontuais ao afirmar que:

A inclusão vem demonstrar que as pessoas são igualmente importantes em determinada comunidade, e, com isso, a diversidade e as diferenças tornam o meio escolar culturalmente rico, possibilitando novas aprendizagens para Pessoas com deficiência ou pessoas que por qualquer motivo não se adaptam ao sistema escolar e são excluídas. Santos e Fonseca (2016, p.90)

Observar o processo de ensino e aprendizagem com um olhar mais humano, onde se pode enxergar o aluno com alguma deficiência com total capacidade de aprendizagem assim como todos os outros, tendo a sua potencialidade estimulada, não os subestimando. A partir disso, compreende-se a educação inclusiva como uma proposta que abrange todas as pessoas, onde não importa a sua diversidade de gênero, etnia, idade, estatura, deficiência, ritmos etc. pois a educação deve suprir as suas necessidades e incluir. A Declaração de Salamanca (1994) assume que,

A atenção especial deveria ser prestada às necessidades das crianças e jovens com deficiências múltiplas ou severas. Eles possuem os mesmos direitos que outros na comunidade, à obtenção de máxima independência na vida adulta e deveriam ser educados neste sentido, ao máximo de seus potenciais. Unesco (1994)

Por outro lado, a educação especial é uma parte da educação que está voltada para oferecer uma educação especializada, que visa trabalhar o desenvolvimento e as habilidades da pessoa com deficiência

[...] a educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado,

disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular. (Brasil, 2008, p. 7 apud Camargo, 2017 P.02)

Atualmente vivemos uma realidade inclusiva nos ambientes escolares que exige discussões para buscar melhorias no espaço, nos materiais, mas o mais importante, a formação dos professores para garantir que o processo de ensino seja baseado nas características de cada aluno. Segundo Coelho (2019. P.159) “A escola é um espaço de desenvolvimento para além do cognitivo, mas também de socialização e enriquecimento do aluno. No que se refere a educação especial, é um lugar de estímulo e de busca pelo processo de desenvolvimento humano.

2.2. A atuação do professor na educação inclusiva

Sabemos das dificuldades que cada educador enfrenta no meio educacional para buscar novas maneiras de incluir a pessoa com deficiência, apesar disto Silva (2014) reintegra o papel essencial dos professores, que não podem se esquecer de sua missão e responsabilidade no processo de ensino e aprendizagem, especialmente no acolhimento de todos os estudantes. É fundamental que não se acomodem diante dos desafios, mas que atuem de forma comprometida, planejada e sensível às diferentes necessidades educacionais, evitando práticas pedagógicas mecânicas ou indiferentes.

“logo, a melhor maneira de dirimirmos nossas dúvidas, acalmarmos nossos medos, não é através da fuga pela acomodação, ou simplesmente da falta de atenção para com o aluno, fazendo de conta que ele não existe, mas sim buscando informações e formação sobre como podemos otimizar as nossas ações pedagógicas, de forma a atender a esse aluno com deficiência, com dificuldade de aprendizagem, e etc”. Silva (2014, p.39)

A educação inclusiva tem como objetivo assegurar que todos os estudantes, sem distinção de suas necessidades, possam ter acesso a um ensino de alta qualidade. Neste cenário, a função do docente é crucial para estabelecer um ambiente de ensino que seja acessível e acolhedor para todos os alunos. Segundo Carvalho (2012, p. 45), "a presença de um professor capacitado e sensível às particularidades de seus alunos é a chave para o sucesso da educação inclusiva". Este profissional precisa estar apto a modificar estratégias de ensino, currículos e avaliações para satisfazer as variadas necessidades dos alunos.

Além disso, os professores devem estar constantemente atualizados e capacitados para lidar com as demandas da inclusão. De acordo com Silva e Rodrigues (2015, p. 102), "a formação continuada é essencial para que o professor consiga desenvolver práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e promovam a equidade no ambiente escolar". O professor precisa entender as necessidades individuais de cada estudante e implementar estratégias que assegurem a participação efetiva de todos.

O docente também desempenha o papel de intermediário entre a equipe pedagógica e a família do estudante com deficiência, assegurando que todos os envolvidos colaborem para fomentar a inclusão. Silva (2019), afirma que para um bom desenvolvimento do estudante o professor necessita conhecer suas características, sua história de vida e de aprendizagem. Um conhecimento que pode ser adquirido por meio de diferentes avaliações, observações, entrevistas com os pais, parentes ou responsáveis. Para De Mantoan (2003, p. 78), "a parceria entre escola e família é indispensável para o desenvolvimento da criança, e o professor é o elo que facilita essa comunicação". Esse aspecto colabora para a criação de um ambiente escolar mais integrado, onde o aluno se sente parte do processo educativo. Voltado para o ensino de física, Galdino (2022, p.17) nos afirma que,

O ensino de física é uma área que tem passado por diversas transformações ao longo dos anos, especialmente no que diz respeito às abordagens metodológicas utilizadas em sala de aula. É importante que os alunos sejam conscientizados sobre a relevância da física no cotidiano, independentemente de terem deficiências ou não, pois o aprendizado da disciplina pode agregar valor à formação educacional e pessoal dos alunos, mesmo sendo desafiador, especialmente quando se trata de conceitos complexos e abstratos. Galdino (2022, p.17)

Finalmente, é crucial enfatizar que o papel do educador na educação inclusiva vai além da simples implementação de técnicas específicas, abrangendo também a formação de uma mentalidade inclusiva no ambiente escolar. Como aponta Oliveira (2018, p. 56), "o sucesso da inclusão depende não só de mudanças estruturais, mas também de uma mudança de atitude por parte de toda a comunidade escolar, especialmente dos professores".

Dessa forma, a educação inclusiva se consolida como um processo contínuo, em que o professor desempenha um papel crucial. Podemos afirmar que o professor como mediador do conhecimento, responsável por uma sala de aula, é o principal agente na inclusão e interação em torno de uma sala de aula. Segundo Miranda "A escolarização de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação têm desafiado os espaços escolares a construir novas/outras lógicas de ensino". Miranda (2012, p.18).

A escola deve trazer possibilidades e estratégias, projetos pedagógicos para que o professor tenha meios e incentivos de uma educação que inclua e não exclua. Miranda (2012, p.20) afirma que "O desafio que se coloca para nós, educadores, é construir um espaço escolar onde a diferença, de qualquer natureza, possa "existir". Sabendo que o professor faz parte do processo de aprendizagem, é possível afirmar que, para que o mesmo tenha uma curiosidade, para crescer o seu desejo de ensinar, é necessária uma inquietação para o novo. Segundo Sampaio & Sampaio (2009 p.104):

Quatro eixos parecem caracterizar a postura de um professor inclusivo: valorização das singularidades do aluno e respeito a seu ritmo, ressaltando suas possibilidades, e não apenas sua deficiência; atenção ao vínculo professor-aluno; uso adequado e não estigmatizante do diagnóstico e a presença de um desejo de aprender vibrante no professor, a fim de que esteja aberto para buscar alternativas de intervenção diante da inegável dificuldade em aprender dos alunos com deficiência. Sampaio & Sampaio (2009 p.104)

São novos tempos para a educação, onde o professor deve ser instrumento para promover um ensino com equidade no processo de ensino, onde seu objetivo de forma cidadão tenha um novo olhar, onde ele dar espaço para os alunos serem capazes de vencer os seus próprios preconceitos. Para Sant'ana (2005. P.228):

Na medida em que a orientação inclusiva implica um ensino adaptado às diferenças e às necessidades individuais, os educadores precisam estar habilitados para atuar de forma competente junto aos alunos inseridos, nos vários níveis de ensino. Sant'ana (2005. P.228)

Temos em meio da educação o professor como peça-chave para o desenvolvimento do ensino e a inclusão, porém não podemos descartar as dificuldades e limitações existentes neste âmbito, seja na formação, instrutura, e apoio por parte da instituição. Com o olhar voltado para a formação inicial e continuada dos professores podemos afirmar que esse é uma das principais lacunas vagas em meio da educação inclusiva. Tendo em vista que as práticas de inclusão não podem elaboradas de qualquer maneira, Lima (2012. P.83) sugere que "as práticas inclusivas precisam estar embasadas em abordagens mais diversificadas, flexíveis e colaborativas a fim de que todos possam participar do processo de ensino-aprendizagem."

3. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, desenvolvida com o intuito de investigar as percepções e ideais dos participantes sobre a inclusão na educação.” Pesquisas qualitativas exploratórias buscam compreender significados e experiências vividas, priorizando a análise da subjetividade e as relações sociais implícitas” (Gil, 2008, p. 30).

A metodologia da pesquisa está dividida em três processos. No primeiro processo foi realizado um levantamento com o auxílio da secretária de educação da cidade de Araruna-PB, onde foi possível identificar as escolas que tinham o maior fluxo de alunos com algum tipo de deficiência ou necessidade especial, qual série, onde foi disponibilizado uma lista com esses dados do Município, com foi possível constatar a grande existência de alunos com alguma especialidade no ensino básico, grande maioria ainda não possui um diagnóstico fechado por um profissional da área, o que o impossibilita de ter um cuidador, ou mediador em sala de aula, tendo como foco a Escola João Alves, que abrange do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, a pesquisa foi posteriormente realizada nesse contexto.

No segundo momento, foi realizado um levantamento bibliográfico com o intuito de embasar teoricamente a investigação e compreender como a temática da educação inclusiva tem sido abordada em estudos acadêmicos anteriores, especialmente no contexto do Ensino Fundamental II e no ensino de Ciências. O levantamento revelou a existência de um número ainda limitado de estudos voltados especificamente à prática inclusiva em disciplinas das Ciências da Natureza, indicando lacunas importantes na literatura e reforçando a relevância da presente pesquisa

Em terceiro momento, já com conhecimento sobre os professores atuantes e os alunos existentes, a pesquisa pôde ser caracterizada como uma pesquisa qualitativa, que segundo Minayo & Sanches (1993, p. 247) “A investigação qualitativa trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões”. A abordagem exploratória é indicada para temas pouco investigados ou para obter uma compreensão inicial do problema, conforme aponta Gil (2008).

A escola escolhida no processo de pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Alves Torres, com os professores do turno manhã e tarde, pois no processo investigativo notou-se que ela possui uma quantidade maior de alunos com alguma deficiência, e por isso pode fazer parte dessa pesquisa. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário investigativo elaborado no Google Forms, instrumento que, segundo Sampieri et al. (2013), facilita a obtenção de respostas de forma prática e acessível, garantindo um alcance mais amplo dos participantes.

O questionário foi composto por perguntas abertas e fechadas, a fim de captar tanto dados quantitativos quanto qualitativos, permitindo uma análise mais rica e detalhada das respostas. A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de categorização de respostas, buscando identificar padrões e interpretações relevantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.

No primeiro processo foi realizado um levantamento com o auxílio da secretária de educação da cidade de Araruna-PB, Foi possível identificar, por meio da análise dos dados, quais escolas apresentavam maior fluxo de alunos com algum tipo de deficiência ou necessidade educacional especial. Com essas informações em mãos, observou-se uma presença significativa de estudantes com necessidades específicas no ensino básico. Cerca de 149 alunos em todo o município, onde grande maioria ainda não possui um diagnóstico fechado ou laudo médico emitido por um profissional da área, entre eles autistas, déficit de atenção e down.

4.1 Movimentos em direção à educação inclusiva: um breve levantamento bibliográfico.

A pesquisa para a construção desta tabela foi conduzida através da plataforma Dspace, um repositório digital da Universidade Estadual da Paraíba, onde são divulgados os trabalhos de conclusão de curso em todo o âmbito acadêmico da UEPB (universidade estadual da paraíba). Na pesquisa foram utilizadas as palavras-chaves "inclusão" e "ensino de física", sendo escolhidos trabalhos aos quais fazem parte do curso de licenciatura em física, física, e ciências exatas. Foi possível analisar que o destaque ao tema de inclusão vem aumentando a passos pequenos na educação de 2018 a 2024. Foi observado que de maneira desfavorável, o estudo identificou apenas oito trabalhos relacionados ao tema.

Os professores muitas vezes não têm acesso a todas as informações que precisam saber sobre o ensino e suas dificuldades diárias, a educação inclusiva em sua formação acadêmica é uma delas, sem ser introduzido nesta pauta tão importante em meio a formação inicial, sendo possível este contato com pessoas com deficiências. (Necessidades), muitas vezes apenas após a formação. Sem o devido incentivo os professores nem sempre não buscam especializações na área, mesmo tendo contato e a necessidade institucional de atender alunos com necessidades educacionais especiais, a dificuldade no tocante às práticas pedagógicas é uma razão pelas quais a maioria das vezes, os profissionais não demonstram interesse em ingressar nessa área, quando, na verdade, ela deveria representar um ponto central de motivação para a busca por formações complementares e aprimoramento profissional.. Galdino (2022), esclarece que,

para que o docente domine as práticas inclusivas é essencial que sua formação acadêmica ofereça conhecimento suficiente para que ele consiga se situar quando for necessário usar ferramentas metodológicas que favoreça o ensino para todos, e assim consiga prosseguir buscando se especializar em conhecimentos. Galdino (2022, p.16)

No contexto dos trabalhos de conclusão de curso dos Campus da Universidade Estadual da Paraíba, com foco na licenciatura em física foi notório o avanço significativo nos últimos 5 anos, no quadro abaixo podemos ver os trabalhos lançados com a temática voltada para o ensino de física.

Quadro 1 – Levantamento bibliográfico:

UEPB	AUTOR	TÍTULO	ANO
CA MPUS-VII	Heber Allisson Lima	Inclusão de surdos na física: uma experiência com as Leis de Newton	2011
CAMPUS-VII	Robson Amauri Guedes dos santos	Ensino de Física a deficientes visuais mediado por impressão 3D	2018
CAMPUS-I	Claudson Eduardo Araújo Barbosa	O ensino de Física na perspectiva inclusiva: Uma proposta didática para os deficientes visuais	2018
CAMPUS-VII	Renata Lima Leite	Algumas dificuldades para implantação de ensino de física especial para surdos	2020
CAMPUS-I	Amanda Raia Maciel	Ensino de Ciências para crianças autista: Uma proposta para ser aplicada nos anos iniciais.	2022
CAMPUS-VIII	Aline de Souza Galdino	Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Estudo de Caso no Curso de Licenciatura em Física	2022
	Maria Wedna Soares	Ensino de física: um estudo sobre as perspectivas da educação inclusiva dos estudantes egressos do campus VIII	2022

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Os trabalhos encontrados focam na importância da educação inclusiva, com ênfase em políticas públicas e práticas pedagógicas que favoreçam o acesso de alunos com necessidades especiais no contexto do ensino de Física, e ciências exatas, apresentam, de forma geral, a relação entre o ensino de Física e ciências com e a educação inclusiva, destacando a necessidade existente de adaptação e melhorias dos ambientes escolares para acolher a diversidade de estudantes.

A inclusão, embora importante ainda enfrenta limitações em muitos contextos educativos, especialmente nas escolas públicas. Muitos estudantes que necessitam de apoios especiais acabam se sentindo excluídos, o que prejudica sua trajetória educacional. A pesquisa revela que, apesar de algumas iniciativas, o sistema educacional ainda carece de métodos e práticas mais eficientes para garantir um ensino acessível a todos, independentemente de suas necessidades físicas, visuais, auditivas ou cognitivas.

Em termos de ensino de Física, observa-se que os alunos do curso de Licenciatura em Física da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) ainda não recebem formação suficiente para lidar adequadamente com práticas inclusivas, o que gera uma lacuna significativa na preparação desses futuros professores.

Mesmo nos cursos superiores em que o ensino da Língua Brasileira de Sinais é obrigatório, a carga horária destinada à disciplina costuma ser reduzida, o que dificulta um aprofundamento significativo no aprendizado da Libras, carga horária a qual pode oscilar dependendo da instituição.

Embora o curso traga à tona a importância da inclusão, as abordagens são consideradas insuficientes, e há necessidade de soluções para que os egressos estejam mais preparados para enfrentar os desafios da educação inclusiva em suas carreiras. Assim, a pesquisa também sugere a necessidade de uma formação mais crítica para que os professores possam atuar de forma mais reflexiva e consciente dos desafios contemporâneos.

Contudo, independentemente do número de produções acadêmicas identificadas sobre o tema, optou-se por direcionar o estudo ao ambiente escolar, buscando ainda mais necessário aprofundar a investigação a partir de um recorte específico e contextualizado. A pesquisa voltou-se para o ambiente escolar, buscando mapear o número de docentes atuantes na instituição selecionada e definir estratégias adequadas para a coleta de dados.

Com o foco na área das ciências exatas, foi elaborado um questionário para coleta de dados da pesquisa, disponibilizado para os professores de ciências da natureza, matemática, física e química, sendo um total de 9 participantes, só obtivemos o retorno de 7 respostas. Dos 7 professores apenas uma mulher fez parte da pesquisa, suas formações iniciais estavam entre Biologia, Ciências Agrárias, Ciências naturais, Física, Licenciatura em Física, matemática/História, nem todos atuam diretamente em sua área de formação, o que evidencia certa flexibilidade na distribuição dos profissionais nas disciplinas. Todos os docentes possuem pós-graduação, no entanto, apenas dois têm formação específica voltada para a Educação Básica, o que pode influenciar diretamente na didática deles.

A seguir, são apresentados os resultados da pesquisa relacionados a aplicação de um questionário investigativo contendo 12 questões. Para facilitar a análise e a compreensão dos dados, as perguntas e respostas foram organizadas por categorias, de acordo com o tema central abordado em cada questão. Essa categorização permitiu uma divisão mais clara e coerente das informações, revelando quatro tópicos principais que se complementam em seus conteúdos e contribuem para uma visão mais estruturada dos achados da pesquisa, foi possível identificar 4 tópicos principais: “As concepções prévias dos professores”, “formação docente”, “vivências, e suas percepções e necessidades”.

Na abordagem das respostas optamos por apresentarmos as respostas mais relevantes realizando uma subcategorização das respostas por afinidade/distanciamento dos pensamentos dos professores acerca da temática abordada no questionário. Como estratégia de agrupamento das repostas, quando necessário as mesmas estão apresentadas em quadros.

4.2 Concepções prévias dos professores a respeito da educação inclusiva

Nesta etapa da análise, foram selecionadas as perguntas que têm como objetivo identificar e evidenciar os conhecimentos prévios dos professores entrevistados a respeito da temática central da pesquisa: a educação inclusiva. Essas concepções iniciais são fundamentais, pois permitem compreender os pressupostos teóricos e práticos que os docentes já possuem, os quais influenciam diretamente suas atitudes e práticas pedagógicas frente à inclusão.

As concepções coletadas serão apresentadas em quadros nos quais trazemos para discussão apenas as respostas mais relevantes para o estudo da temática, divididos por concordância, afinidade e pontos de possíveis discordâncias.

Ao longo de nossas análises foi possível identificar que as perguntas 1,2,4,5,6 (apêndice 1), seguem uma linha de raciocínio articulada com a identificação de concepções prévias sobre o assunto. Como maneira de mapear um primeiro contato com a temática, na primeira pergunta questionamos “Você já ouviu falar no termo “Educação Inclusiva?””. todos os participantes afirmaram positivamente, o que nos trouxe a percepção inicial de que talvez para o grupo investigado a temática já possuía relativa relevância e nos fez especular que a discussão da temática nas demais perguntas do questionário não seria um obstáculo.

Segundo a linha de raciocínio de levantamento de concepções, a questão (2) diferente do primeiro questionamento buscou trazer de forma descritiva o que os participantes compreendiam por educação inclusiva. De forma geral todas as respostas obtidas foram satisfatórias, tomando por base as referências e definições consultadas ao longo da construção deste trabalho. Especificamente duas respostas chamaram a nossa atenção pela relevância e profundidade abordadas sobre o tema.

Quadro 2- O que você compreende a respeito de uma “Educação Inclusiva”?

P1	Um modelo de ensino que tem como objetivo garantir a qualidade de ensino para todos os alunos, independente de característica, raça, cor, sexo, necessidades, habilidades ou diferenças.
P6	Educação inclusiva é um modelo educacional que busca garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, habilidades ou necessidades, tenham acesso a uma educação de qualidade em ambientes regulares. Essa abordagem valoriza a diversidade e promove a participação plena de todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências, dificuldades de aprendizagem ou outras necessidades específicas

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

P1 e P6 abordam princípios importantes em sua resposta, fugindo de premissas mais rasas e trazendo aspectos como equidade e diversidade, bem como o respeito a estes aspectos como pressuposto base das iniciativas inclusivas. Como sabemos, a educação inclusiva é um processo que busca garantir o direito de todos os estudantes a uma educação de qualidade em ambientes regulares, valorizando a diversidade e promovendo a participação plena. Como afirma Souza (2022, p 11),

A proposta de ensino inclusivo na maioria das vezes é associada apenas a educação especial, e consequentemente à sala de aula inclusiva. Essa concepção errônea da perspectiva de ensino se dá pela falta de conhecimento sobre a mesma, a perspectiva do ensino inclusivo parte da premissa em incluir alunos com Necessidades Educacionais Especiais nas salas de aulas regulares, onde a educação especial foca apenas nestes alunos e as salas de aulas são separadas. Souza (2022, p 11).

Em contrapartida, os demais participantes apresentaram contribuições mais superficiais quanto à concepção de educação inclusiva. Um exemplo disso é a resposta de P5, que se limitou a destacar um aspecto mais operacional: *"ferramentas de acesso a todos"*.

Um aspecto relevante que influencia diretamente na prática pedagógica inclusiva é a formação inicial dos docentes, sendo inclusive esta formação um elemento que contribui para as concepções carregadas ao longo do exercício da docência. Com base nessa premissa, trouxemos o nosso quarto questionamento, onde buscamos uma visão dos entrevistados acerca da importância e o porquê se deve ter uma maior abordagem sobre educação inclusiva na formação docente (especialmente a inicial), os resultados revelaram uma unanimidade nas respostas: todos os entrevistados afirmaram ser fundamental que a temática da inclusão esteja presente de forma mais consistente na formação inicial dos professores.

Esse consenso evidencia uma consciência coletiva sobre a necessidade de preparar melhor os futuros educadores para lidar com a diversidade presente na sala de aula.

Quadro 3- Você acredita ser importante uma abordagem da Educação Inclusiva na formação inicial de professores? Por quê?

P3	Sim, pois os números tem aumentado consideravelmente.
P4	Sim ,pois necessitamos com.urgencia nos aprimorar sobre o assunto a vista que tá sendo uma realidade frequente em nosso cotidiano
P7	Sim. Atualmente, por exemplo, temos um aumento significativo de alunos com TDAH, Autismo e deficiências (visão, fala, etc), é importante que os professores tem a capacidade de promover a educação e fornecer meios para a aprendizagem de tais alunos.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Significativamente as respostas ressaltaram os aumentos considerados que está tendo nas escolas de alunos com algum tipo de necessidade, e a urgência da abordagem do tema na formação dos futuros e atuais docentes seja para atuação, novas metodologias e promoção de diversidade e igualdade. Assim, compreende-se que a formação docente precisa estar alinhada aos desafios contemporâneos da escola inclusiva.

Quadro 4 – Proporção das matrículas de estudantes público-alvo da educação especial (Brasil)

ANO	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
CEE	59%	54%	53%	46%	40%	31%	26%	24%	23%	21%	19,3%	18%
CC	41%	46%	47%	54%	61%	69%	74%	76%	77%	79%	80,7%	82%

Fonte: REBELO, Andressa Santos; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. (2017,p.61)

O quadro 4 demonstra os percentuais de matrículas de alunos da educação especial, distribuídas entre classes ou escolas especiais e classes comuns, evidenciando a disparidade entre esses dois contextos educacionais. Em 2016, as matrículas em classes comuns representaram 82% do total, o que demonstra uma necessidade cada vez maior de que estes aspectos sejam discutidos nos âmbitos da formação inicial e continuada de professores, independente da área de conhecimento.

Quando levantado a temática “Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas” na quinta pergunta (5), tivemos um divisor de respostas, onde três professores afirmaram que “não” ouviram falar do tema (P5, P6, P7), o que chamou atenção foi a descrição do penúltimo entrevistado, que mesmo dado a afirmativa que não ouviu os termos antes teve uma desenvoltura relevante acerca do tema, afirmando que,

“Ainda não, mais pelo termo acho que pode está relacionado a um conjunto de condições que exigem adaptações ou abordagens diferenciadas no processo educacional para atender adequadamente a todos os alunos. Essas necessidades podem surgir devido a uma variedade de fatores, como deficiências físicas, sensoriais, intelectuais, dificuldades de aprendizagem, transtornos do desenvolvimento ou questões emocionais e comportamentais.” (P6)

Outra parte dos professores entrevistados relatou possuir um conhecimento mais prático sobre a temática da educação inclusiva, adquirido principalmente por meio do contato direto com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou deficiências em seu cotidiano escolar. Onde esse tipo de conhecimento experiencial, embora valioso, não substitui a formação teórica, mas revela a necessidade de que teoria e prática estejam articuladas na formação docente, de modo a garantir intervenções pedagógicas mais eficazes. Essa articulação é essencial para que o professor desenvolva uma prática reflexiva, capaz de adaptar-se às diferentes realidades educacionais e atender da melhor maneira às demandas dos alunos com deficiência, promovendo, assim, uma educação verdadeiramente inclusiva.

Quadro 4- Você já ouviu falar sobre os termos “Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas”? Se sim, como?

P1	Sim Sempre falamos na importância de cuidar das crianças e adolescentes que apresentam dificuldades de aprendizagem ou deficiência que afetam a sua educação. Assim como também os adultos.
P3	Sim, alunos com TDAH, TEA entre outros
P4	Através de alunos das escolas onde frequento que necessitam de uma educação especial voltado para sua necessidade.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Um professor relatou ter tido contato com o tema por meio de formações pedagógicas ou estudos voltados à educação inclusiva “*Sim. Através de formações pedagógicas.*” (P2), essa menção destaca a relevância das ações formativas na construção do conhecimento docente sobre inclusão, indicando que, mesmo em espaços de formação continuada, é possível desenvolver competências essenciais para a atuação em contextos educacionais diversos.

Com foco da pesquisa sendo as necessidades educacionais, nada mais justo que buscar uma definição do que se é compreendido pelos professores como essas necessidades, com essa régua o sexto (6) questionamento buscou uma definição própria de cada entrevistado, e uma resposta específica conseguiu abranger todas as demais, chamando bastante atenção. Os demais entrevistados foram mais rasos em suas definições, porém não fugiram do contexto.

“Alunos com deficiências físicas, sensoriais ou intelectuais podem precisar de suporte adicional para acessar o currículo. Alunos que enfrentam dificuldades em áreas como leitura (dislexia), escrita (disgrafia) ou matemática (discalculia) podem requerer métodos de ensino adaptados e estratégias específicas de intervenção. Crianças com condições como autismo ou síndrome de Down podem ter necessidades educativas únicas que exigem práticas pedagógicas personalizadas.” (P6).

Ele trouxe uma visão completamente voltada para a literatura, com uma forma bem definida e contextualizada do que se é compreendido nas bibliografias específicas. Sua resposta reflete não apenas um contato superficial com o assunto, mas um envolvimento mais aprofundado com os pressupostos teóricos que fundamentam a prática inclusiva, demonstrando familiaridade com os princípios que sustentam a inclusão escolar, como equidade, respeito à diversidade, participação plena e aprendizagem significativa para todos.

4.3 Formação dos professores a respeito da temática

A formação profissional de cada professor é um dos pilares mais importantes para uma boa performance no meio educacional como também para atribuir ao professor um perfil versátil dos pontos de vista, teórico, metodológico, recursivo, e no próprio estabelecimento e concretização da relação professor aluno. Buscando evidenciar este pilar importante foram pensadas as questões 3,11 do questionário aplicado. Souza (2022, p.16),

para que o docente domine as práticas inclusivas é essencial que sua formação acadêmica ofereça conhecimento suficiente para que ele consiga se situar quando for necessário usar ferramentas metodológicas que favoreça o ensino para todos, e assim consiga prosseguir buscando se especializar em conhecimentos dentro desta temática, pois com os estudos de especialização na área o docente conseguirá atuar em seu âmbito de trabalho utilizando práticas inovadoras e interativas em sala de aula. Souza (2022, p.16)

Desta maneira a falta ou fragilidade dessa formação compromete diretamente a prática docente, podendo resultar em posturas excludentes, em planejamentos pouco adaptados e em metodologias que não atendem às especificidades dos estudantes, com isso neste tópico vamos tratar a formação dos professores em dois questionamentos pontuais. No primeiro, caso, referente à questão 3 do questionário, buscamos identificar informações sobre os contatos obtidos entre os professores com a temática ao longo de sua formação inicial, bem como identificar as eventuais influências dessa formação em suas compreensões atuais sobre o tema.

Apesar da maioria das respostas serem afirmativas quanto ao contato com a temática em meio à formação inicial, as contextualizações apresentadas foram, de certa forma, fragilizadas pela abordagem rasa com a qual geralmente esta temática é trabalhada em meio aos cursos de formação inicial de professores, especialmente os das áreas científicas.

Quadro 5- Em sua formação, especialmente no âmbito da formação inicial, a Educação Inclusiva foi abordada de alguma maneira? Se sim, qual?

P1	Sim, foi abordada mas meio insuficiente.
P7	Brevemente em uma disciplina de LIBRAS, e em outro momento com oficinas sobre adaptações da educação para pessoas com deficiências.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Embora os entrevistados tenham relatado algum nível de contato com a temática da educação inclusiva durante sua trajetória formativa, foi possível perceber, por meio de seus relatos, que esse contato ocorreu de maneira pontual, superficial e desarticulada de uma abordagem prática e aprofundada. Os próprios participantes reconhecem que a inclusão foi tratada de forma breve e vaga, muitas vezes restrita a momentos esporádicos em disciplinas específicas ou em formações avulsas, sem conexão com o cotidiano da prática pedagógica.

De um contexto geral considerando o cotidiano e suas buscas por novos conceitos em sala de aula, os docentes devem ter uma visão crítica da sua própria metodologia e ações em sala de aula. Com base nesse contexto, foi proposto o décimo primeiro questionamento (11) do instrumento de pesquisa, no qual se buscou compreender como os professores avaliam sua própria capacidade de atuação frente aos desafios da educação inclusiva. A intenção foi que eles avaliassem os seus próprios domínios técnicos e teóricos sobre o tema, visando a percepção que eles têm de si mesmos enquanto agentes inclusivos dentro da sala de aula.

Quadro 6- Como você avalia atualmente sua capacidade de atuação em um contexto de Educação Inclusiva?

P2	Com muita dificuldade.
P4	Fraquíssimo
P5	Preciso melhorar
P6	Ruim, preciso melhorar

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Os dados obtidos revelaram um resultado significativo: 4 dos 7 entrevistados declararam não se sentirem plenamente confortáveis com as suas metodologias em sala de aula, podemos afirmar que essa resposta evidencia uma negativa devido à fragilidade da formação inicial e à falta de capacitação continuada sobre educação inclusiva, o que já se foi evidenciado nas respostas anteriores. De Paula (2018, p.4), em suas análises afirma que “os cursos de formação de professores devem atender as demandas da Educação atual para que os docentes possam oferecer aos seus futuros alunos, com e sem deficiência.” Com um olhar voltado para a formação inicial vemos que é possível que através de uma boa base, é possível suprir as lacunas futuras. Esse resultado evidencia uma lacuna preocupante entre as exigências legais e pedagógicas da inclusão e o preparo real oferecido aos docentes.

4.4 Vivências na educação inclusiva

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber, de forma ampla e consistente, as diversas dificuldades enfrentadas pelos docentes em suas práticas cotidianas no que se refere à educação inclusiva. A sétima pergunta (7) do questionário teve como objetivo compreender, a partir da experiência prática dos professores, se em algum momento de sua trajetória profissional e/ou acadêmica eles já haviam se deparado com situações envolvendo alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEE), e caso este contato tenha existido como lidaram com essas situações. Essa questão buscou ir além das concepções teóricas e captar vivências reais no cotidiano docente.

Quadro 7- Em sua trajetória profissional e/ou acadêmica, já se deparou com alguma situação envolvendo alunos com Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas? Se sim, como você lidou com a situação?

P2	Sim. Procuro sempre adaptar atividades de acordo com a sua capacidade cognitiva.
P4	Pedindo ajuda aos mais capacitados que já tem um conhecimento maior sobre o assunto
P5	Sim, atividades lúdicas
P6	Sim, em diversos momentos, foi muito desafiador, não tinha e não tenho suporte para enfrentar corretamente esse desafio, busco aprimorar cada dia minhas práticas para que possa atender melhor nessas situações
P7	Sim. No meu primeiro ano lecionando me deparei com uma aluna que não se comunicava por meio da fala. Ela também não sabia nada sobre LIBRAS. Nesta situação, além da ajuda de alguns colegas que já conviviam com ela e sabiam exatamente o que os gestos dela significava, eu utilizei muito do visual para passar o conhecimento para essa aluna. As atividades visuais nesse caso estimularam muito o aprendizado dela, então foi necessário ser bem organizado e produzir coisas que visualmente fossem bonitas e chamativas, mas também muito educativas.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

De forma geral todos os entrevistados responderam de forma positiva ao questionamento onde identificaram as situações e procuraram melhores formas de lidar, entre atividades lúdicas, adaptações de atividades, e até mesmo procurando ajuda com os demais profissionais. Porém, o que chamou atenção foi uma das respostas mais densas a de P7, que relatou ter atuado com uma aluna que não se comunicava verbalmente e não conhecia Libras.

O professor, mesmo sem domínio da língua de sinais, buscou recursos visuais e apoio de colegas para compreender os gestos da estudante e promover a mediação do conhecimento. Essa experiência revela criatividade, sensibilidade e esforço adaptativo, embora também indique a falta de preparo formal para lidar com esse tipo de situação, o que poderia comprometer a qualidade da inclusão se não fosse o engajamento pessoal do docente. Aliás, a questão do engajamento pessoal do professor, mesmo diante de todas as suas dificuldades formativas, de valorização e de carga horária excessiva de trabalho, é de fundamental importância para a consolidação prática da Educação Inclusiva.

As respostas dos professores destacaram a necessidade de formação contínua e apoio instrucional para alcançar uma inclusão eficaz. Reflexões como estas podem ser encontradas no trabalho de Souza (2022), quando nos conduz a refletir sobre as dificuldades prática enfrentadas pelo professor.

além da dificuldade encontrada e atribuída ao próprio conteúdo da disciplina, existem algumas problemáticas em torno de como adotar as práticas inclusivas de maneira articulada a tal conteúdo. Logo, o docente terá um primeiro desafio, no qual deve buscar soluções em como ministrar sua aula conciliando ao conteúdo específico da disciplina através de uma prática inclusiva. Souza (2022, p12)

Contudo, as dificuldades enfrentadas evidenciam a importância de um apoio institucional eficaz para que os professores possam desenvolver estas práticas desafiadoras de forma mais sistemática. É justamente onde entram as políticas públicas combinadas do ponto de vista da valorização, formação profissional e complementar destes profissionais. Concluída a linha de raciocínio acerca das experiências em sala de aula vivenciadas pelos docentes, é possível compreender de forma mais ampla os desafios e as práticas relacionadas ao processo de ensino inclusivo, buscamos trazer em um último questionamento (8), quais as estratégias são utilizadas para tornar-se um ambiente mais inclusivo, as afirmativas foram pontuais em diversidade, conscientização e respeito.

Quadro 8- Você tem alguma estratégia para fazer de sua aula um ambiente inclusivo? Qual (is)?

P2	Sim. Conscientizar todos em sala de aula da importância que cada um tem na aprendizagem desses alunos, através de atividades colaborativas.
P7	Uma das estratégias que já utilizei foi adaptando tecnologias no processo de aprendizagem. Existem muitos aplicativos didáticos e inclusivos, bem como tecnologias que, além de dinamizar a aula, podem ser adaptados as características de cada um

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

A docente P2 afirma que procura “conscientizar todos em sala de aula da importância que cada um tem na aprendizagem desses alunos, através de atividades colaborativas”. Essa prática demonstra uma compreensão ampliada da inclusão, não restrita apenas a adaptações individuais, mas estendida ao desenvolvimento de uma cultura de respeito, empatia e cooperação entre os alunos.

Essas duas respostas evidenciam que, embora ainda existam desafios estruturais e formativos, há professores que buscam estratégias efetivas e criativas para construir um ambiente escolar mais acessível e acolhedor. Tais práticas demonstram que a inclusão vai além do cumprimento de normas: trata-se de uma atitude pedagógica e ética, embasada

também em uma visão de mundo e que por isso, exigem intencionalidade, sensibilidade e inovação por parte do educador, mas que esta é uma responsabilidade que não deve simplesmente e exclusivamente ser atribuída ao mesmo.

4.5 Percepções e necessidades

Conhecendo as percepções dos professores é possível nortear melhor o nível de conhecimento que possuem sobre a inclusão em sala de aula, conhecendo suas inseguranças, limitações, experiências individuais de cada profissional, buscamos trazer essas percepções, ou seja, as visões gerais carregadas e as necessidades enxergadas por eles nas perguntas 9,12 (apêndice 1).

Muitos educadores reconhecem a importância da inclusão, demonstram empatia e boa vontade, porém se sentem inseguros, despreparados ou desassistidos para lidar, de forma eficaz, com a diversidade de demandas educacionais que se apresentam em sala de aula. Com isso temos o nosso nono (9), buscou conhecer pela visão dos docentes quais os maiores desafios enfrentados pelo professor na promoção de uma educação inclusiva.

Quadro 9- Em sua concepção, quais os maiores desafios enfrentados pelo professor na promoção de uma educação inclusiva?

P1	Desafio são: Fazer formação contínua para profissionais com conhecimentos de deficientes, transtorno do aspecto autista etc
P2	Além de o professor não ter uma formação adequada , o suporte pedagógico quase não existe.
P6	Falta de Formação Específica; Recursos Limitados; Tamanho das Turmas; Tempo e Planejamento; Gestão da Sala de Aula entre outros
P7	Falta de preparo na formação inicial, além de mais profissionais capacitados na área como apoio no ambiente escolar. Em muitos casos ter dois/três alunos com necessidades especiais em uma sala e ainda outros 20 para dar conta, gera muito trabalho e é necessário profissionais de apoio para auxiliar no ambiente de sala de aula. Além disso, em muitos casos faltam materiais didáticos para a realização de atividades mais inclusivas

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

De maneira pontual todos os professores relataram que a formação profissional é um dos pontos principais nas suas percepções. A carência de uma abordagem consistente e aprofundada sobre inclusão durante a formação inicial, somada à ausência de formações continuadas efetivas, acaba por gerar sentimento de insegurança, limitação e imprevisto frente às demandas apresentadas em sala de aula.

Segundo Miskalo (2023, p.521),

esse processo de formação continuada partindo da própria prática dos docentes possibilita um olhar individualizado para cada realidade, oportuniza discussões, dando voz aos professores, e, permite que eles mesmos sejam construtores de uma escola para todos, superando falhas que podem ter vivenciado durante a sua formação. Segundo Miskalo (2023, p.521)

Além disso, os docentes destacam que a falta de recursos materiais e humanos, bem como o número elevado de alunos por turma como fatores que agravam ainda mais os desafios diários, tornando o processo de inclusão escolar mais complexo, e inviabilizando momentos de reflexão a respeito de como proceder de maneira eficaz em direção a uma sala de aula mais inclusiva.

Considerando a carência de formação continuada por parte dos docentes, evidenciada pelas respostas às questões anteriores, observa-se que suas práticas pedagógicas são significativamente impactadas. A efetivação de uma educação inclusiva

não se restringe à disponibilidade de recursos didáticos ou estruturais, uma vez que tais ferramentas, embora importantes, desempenham apenas um papel complementar.

Nesta perspectiva temos a deixa da última pergunta do formulário destinada a uma reflexão intencional a ser desenvolvida a partir do seguinte questionamento: “Uma Educação Inclusiva é um processo que está além das especialidades do professor. Contempla políticas públicas, aspectos curriculares, mas também ações conjuntas da Escola, Pais e os próprios alunos (a comunidade escolar como um todo), como sua escola, a comunidade e os órgãos de sua região têm atuado na promoção de uma Educação Inclusiva.

Quadro 10 - Uma Educação Inclusiva é um processo que está além das especialidades do professor.

Contempla políticas públicas, aspectos curriculares, mas também ações conjuntas da Escola, Pais e os próprios alunos (a comunidade escolar como um todo), como sua escola, a comunidade e os órgãos de sua região têm atuado na promoção de uma Educação Inclusiva?

P2	Muito longe da realidade.
P3	Precisa melhorar bastante
P5	Não tem

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

As respostas apresentadas no Quadro 10, referente à atuação do sistema educativo frente à inclusão escolar, revelam uma percepção generalizada de distanciamento entre a proposta ideal de inclusão e a realidade vivenciada nas escolas e no cotidiano dos docentes. Os depoimentos são incisivos e pontuais e as falas revelam não apenas uma percepção crítica, mas também um sentimento de frustração com a ausência efetivação de políticas públicas que já se encontram em vigor.

Por outro lado, encontramos depoimentos mais otimistas, que se debruçaram sobre os aspectos mais positivos já observáveis na realidade.

Quadro 11- Continuação das análises das respostas ao questionamento 12.

P1	Na escola que leciono Mesmo sendo pública mas tem feito um ótimo trabalho no acompanhamento dr várias crianças e adolescentes que necessitam de uma educação especial.
P4	De modo precário,mais já estão dando o primeiro passo para aceitar que precisam de ajuda nesse contexto.
P6	Estamos a passos lentos, acredito que um dia possamos chegar em um processo mais inclusivo !
P7	Eu já trabalhei em 3 escolas diferentes e cada uma com sua realidade. As duas primeiras eram escolas de zona rural e pequenas, tinha uma boa equipe de apoio, materiais didáticos excelentes, além de um apoio familiar muito bom (na medida do possível). Atualmente leciono em uma escola de zona urbana e, sem sombra de dúvidas, o ponto mais complicado é o apoio familiar. Mesmo com uma comunidade escolar ativa para a questão e profissionais capacitados e que atuam na área para nos auxiliar no dia a dia da escola, ainda falta muito a participação dos pais na vida escolar dos alunos. Muitos infelizmente ficam largados e toda a responsabilidade recai sobre os professores e a escola.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2025.

Os depoimentos de P1, P4, P6 e P7 revelam que, embora o processo ainda enfrente muitas limitações estruturais e desafios cotidianos, há indícios de avanços concretos e iniciativas em andamento. O professor P1, por exemplo, destaca o “ótimo trabalho” realizado em sua escola pública no acompanhamento de crianças e adolescentes com necessidades educacionais especiais, apontando para a existência de uma rede de apoio funcional em sua unidade de ensino, podendo estar se referindo justamente ao contexto investigado nesta pesquisa.

Essas percepções afirmativas demonstram que, apesar dos inúmeros desafios relatados por outros docentes, há espaços em que a inclusão está sendo construída coletivamente, com apoio institucional, recursos pedagógicos e, em alguns casos, com a colaboração das famílias. Ainda que o processo seja reconhecido como lento, desigual e em construção, os relatos indicam que há caminhos sendo trilhados, o que reforça a importância de valorizar e expandir essas experiências positivas como referências para uma política inclusiva mais ampla e eficaz.

5 CONCLUSÃO

A educação inclusiva, ainda em processo de consolidação nas escolas e na sociedade brasileira, representa um importante avanço na garantia do direito de acesso, permanência e participação de todos nos contextos e práticas educativas. A partir desta pesquisa que envolveu análise documental e aplicação de questionários a professores da Escola Municipal João Alves Torres foi possível constatar que, apesar dos progressos teóricos e legais alcançados nas últimas décadas, a efetivação da inclusão no cotidiano escolar ainda enfrenta inúmeros desafios. Tais obstáculos são multifacetados, relacionados a aspectos como formação docente, infraestrutura escolar e apoio institucional e comunitário.

Os dados obtidos revelam que professores com formação mais recente tendem a demonstrar maior familiaridade e envolvimento com os princípios da educação inclusiva, enquanto os docentes com maior tempo de atuação relatam carência de formação continuada e de suporte institucional adequado. Ainda assim, é importante destacar que a familiaridade com o tema não se traduz, necessariamente, em práticas pedagógicas efetivas, como foi evidenciado nos resultados e nas análises realizadas ao longo da pesquisa.

Observou-se também um desnível entre o que se propõe nas políticas públicas e a realidade enfrentada no cotidiano escolar, evidenciando a necessidade urgente aspectos como melhoria curricular das formações iniciais, formação continuada, capacitação, estruturação dos espaços através recursos adequados e apoio institucional e social.

No contexto específico do ensino de ciências, especialmente da física, percebe-se uma lacuna na formação dos docentes para lidar com a diversidade, o que impacta diretamente na construção de uma prática pedagógica verdadeiramente inclusiva. Embora haja um número crescente de trabalhos acadêmicos tratando da inclusão no ensino de física na UEPB, esse crescimento ainda é tímido diante da complexidade do tema e da realidade com a qual este tema é debatido em outros contextos.

Conclui-se, portanto, que a efetivação da educação inclusiva exige um esforço coletivo que ultrapassa os limites da sala de aula, envolvendo a articulação entre políticas públicas eficazes, investimento contínuo na formação inicial e continuada dos docentes, e a transformação das práticas pedagógicas tradicionais. Mais do que um ideal normativo, a inclusão precisa se materializar em ações concretas e estruturadas que promovam a equidade, o respeito às diferenças e a valorização da diversidade como pilares fundamentais do processo educativo.

Como destaca Mantoan (2003, p.60), “a inclusão escolar não é apenas uma prática educacional, mas uma proposta ética que implica compromisso com a justiça social e com o direito de todos à aprendizagem.” Assim, somente com o engajamento real de todos os atores envolvidos — gestores, educadores, comunidade e poder público será possível construir uma escola verdadeiramente inclusiva, capaz de reconhecer e acolher cada sujeito em sua singularidade, garantindo não apenas o acesso, mas também a permanência, a participação e o sucesso escolar.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 31 out. 2024.

BREITENBACH, Fabiane Vanessa; HONNEF, Cláucia; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. **Educação inclusiva: as implicações das traduções e das interpretações da Declaração de Salamanca no Brasil**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 24, p. 359-379, 2016.

CAMARGO, E. P. **Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces**. Ciência & Educação (Bauru), v. 23, p. 1-6, 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva com os pingos nos 'is'**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

COELHO, Caroline Puglieri et al. **Visões sobre inclusão escolar no contexto de Educação Especial: PCN X BNCC**. Revista Educação e Políticas em Debate, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2019.

COELHO, Darci Ferreira; COELHO, Ana Cristina Mantai Von-Rondon. **Educação inclusiva na perspectiva dos desafios docentes em sala de aula e formação continuada**. Revista Sociedade Científica, v. 7, n. 1, p. 3828-3854, 2024.

DE PAULA, Tatiane Estácio; GUIMARÃES, Orliney Maciel; DA SILVA, Camila Silveira. **Formação de professores de química no contexto da Educação inclusiva**. Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 1, p. 3-29, 2018.

FERREIRA, Windyz B. **Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos**. Revista da Educação Especial, v. 2, n. 23, p. 40-46, 2005.

GALDINO, Aline. **Inclusão no ensino de física: um levantamento de produção de trabalhos relacionados a inclusão na UEPB**. 2023. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Araruna PB, 2023.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, B.; JOSÉ, M.; COUTINHO, G. **Educação especial e políticas de inclusão para pessoas com deficiência**. Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social, v. 1, n. 1, 2017.

LIMA, Maria da Conceição Barbosa; CASTRO, Giselle Faur de. **Formação inicial de professores de física: a questão da inclusão de alunos com deficiências visuais no ensino regular**. Ciência & Educação, v. 18, n. 1, p. 81-98, 2012.

MANTOAN, M. T. E. **Educação inclusiva: desafios e perspectivas**. São Paulo: Moderna, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Os sentidos da diferença**. *Inclusão Social*, v. 4, n. 2, 2011.

MERCADO, E.; FUMES, N. **Base nacional comum curricular e a educação especial no contexto da inclusão escolar**. 10 enfoque. Aracaju-Sergipe. P. 1-16. 2017.

MINAYO, M. C. SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** v. 9, n. 3, Rio de Janeiro p. 239–262, 1993.

MIRANDA, T.G; GALVÃO FILHO, T.A. **O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares**. 2012.

MISKALO, Adriana Ligia; CIRINO, Roseneide Maria Batista; FRANÇA, Denise Maria Vaz Romano. **Formação docente e inclusão escolar: uma análise a partir das perspectivas dos professores**. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 14, n. 41, p. 516-536, 2023.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NETO, Antenor de Oliveira Silva et al. **Educação inclusiva: uma escola para todos**. Revista Educação Especial, v. 31, n. 60, p. 81-92, 2018.

NUNES, S.; SAIA, A.; TAVARES, R. **Educação inclusiva: entre a história, os preconceitos, a escola e a família**. Psicologia: ciência e profissão, v. 35, p. 1106-1119, 2015.

OLIVEIRA, Renata de Araújo. **Educação inclusiva: desafios e possibilidades**. São Paulo: Autores Associados, 2018.

PACHECO, Kátia Monteiro De Benedetto; ALVES, Vera Lucia Rodrigues. **A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: uma mudança de paradigma**. Acta fisiátrica, v. 14, n. 4, p. 242-248, 2007.

REBELO, Andressa Santos; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. **Escolarização dos alunos da educação especial na política de educação inclusiva no Brasil**. *Inclusão Social*, v. 11, n. 1, 2017.

SAMPAIO, C.T.; SAMPAIO, S. M.R. **Educação inclusiva: o professor mediando para a vida**. Edufba, 2009.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw Hill Brasil, 2013.

SANCHES, Isabel; TEODORO, António. **Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos**. Revista Lusófona de educação, v. 8, n. 8, 2006.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Educação inclusiva: concepções de professores e diretores**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 227-234, ago. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000200009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 abr. 2024.

SANTOS, Ana. **Fundamentos da educação inclusiva**. Brasília: Editora Brasileira, 2019.

SANTOS, Luciana Aparecida dos; FONSECA, Patrícia Cristina da. **Educação inclusiva: o desafio da convivência com a diferença**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 11, n. 3, p. 1827-1838, set./dez. 2016.

SILVA, José dos Santos; SANTOS, Maria Aparecida. **A importância da formação continuada do professor educador no contexto educacional inclusivo**. Revista Form@re, [S. l.], v. 8, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-importancia-da-formacao-continuada-do-professor-educador-no-contexto-educacional-inclusivo/>. Acesso em: 25 maio 2025.

SILVA, Marcos José da, e RODRIGUES, Ana Clara. **Formação de professores para a educação inclusiva**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SOUZA, Maria Wedna Soares de. **Ensino de Física: Um estudo sobre as perspectivas da educação inclusiva dos estudantes egressos do Campus VIII**. 2022. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Araruna, 2022.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e quadro de ação sobre necessidades educativas especiais**. Salamanca, Espanha, 1994. Disponível em: <http://www.unesco.org>. Acesso em: 31 out. 2024.

APÊNDICE 1- QUESTIONARIO INVESTIGATIVO

Este questionário enquadra-se consiste num instrumento de coleta de dados no processo investigativo que constituiu a construção de um artigo científico, destinado ao cumprimento do Trabalho de Conclusão de Curso (requisito final para a conclusão do curso de licenciatura em física da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VIII, Araruna PB). O mesmo será aplicado em formato de entrevista gravada em áudio. Após a recolha dos dados as entrevistas serão transcritas para organização seleção e tratamento dos dados de acordo com os anseios da pesquisa.

Além do cumprimento do desígnio supracitado, é importante salientar que os dados produzidos ao longo da pesquisa, poderão também ser destinados a apresentações em congressos e/ou publicações em periódicos nas áreas de Ensino de Física, Ensino de

Ciências e Educação Inclusiva. Informamos ainda o compromisso ético com manutenção do anonimato em toda e qualquer etapa de publicação da pesquisa e que sua participação é voluntária e ao mesmo tempo importante para os desdobramentos almejados no âmbito da pesquisa em desenvolvimento.

Desde já agradecemos a sua colaboração!

Idade: _____ Sexo: _____

Profissão: _____

Formação: _____

Possui

Pós-Graduação:

Tem quantos anos de experiência na Educação?

1. Você já ouviu falar no termo “Educação Inclusiva”?

() sim () não

2. O que você compreende a respeito de uma “Educação Inclusiva”?

3. Em sua formação, especialmente no âmbito da formação inicial, a Educação Inclusiva foi abordada de alguma maneira? Se sim, qual?

4. Você acredita ser importante uma abordagem da Educação Inclusiva na formação inicial de professores? Por quê?

5. Você já ouviu falar sobre os termos “Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas”? Se sim, como?

6. Como você definiria um “aluno com Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas”?

7. Em sua trajetória profissional e/ou acadêmica, já se deparou com alguma situação envolvendo alunos com Necessidades Educacionais Especiais ou Específicas? Se sim, como você lidou com a situação?

8. Você tem alguma estratégia para fazer de sua aula um ambiente inclusivo? Qual (is)?

9. Em sua concepção, quais os maiores desafios enfrentados pelo professor na promoção de uma educação inclusiva?

10. Que tipo de subsídio (ou suporte), você acredita ser importante para auxiliar o professor a atuar de maneira inclusiva?
11. Como você avalia atualmente sua capacidade de atuação em um contexto de Educação Inclusiva?

AGRADECIMENTOS

A jornada até aqui não foi fácil, mas foi repleta de aprendizados, desafios e, principalmente, de pessoas que fizeram toda a diferença nesse processo. Por isso, quero expressar minha gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar forças nos momentos de fraqueza, ao meu orientador Thiago Santos, pela orientação, paciência e incentivo durante todo o processo. À sua esposa, Aline Faustino, pelo apoio e palavras de encorajamento.

À minha mãe, Veronese, meu maior exemplo de força e superação, você foi o motivo pelo qual eu não desisti. Ao meu pai, cuja presença e apoio silencioso também foram fundamentais. À minha irmã Daniela, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu mesma duvidava do meu potencial.

À minha amiga Marcelly Brito, que esteve ao meu lado nos momentos, que me ofereceu apoio, escuta e motivação nos dias, minha eterna gratidão. Agradeço também a todas as outras amigas que, com gestos simples ou palavras de apoio, ajudaram-me a seguir em frente.

E, sim, também agradeço aos que não acreditaram em mim. Sem perceber, vocês me ensinaram a acreditar ainda mais em mim mesma.

A cada um que, de alguma forma, fez parte dessa conquista: muito obrigada!